



Práticas decoloniais no ensino de português para migrantes: uma revisão de literatura

Juliana Lopes de Nascimento¹
Cora Elena Gonzalo Zambrano²

Resumo

Considerando o contexto de migração de crise oriunda da Venezuela para o estado de Roraima e os desafios enfrentados por professores e alunos em cursos de língua portuguesa como adicional, bem como em escolas, este trabalho apresenta um panorama descritivo a partir da análise de 8 artigos, selecionados do Google Acadêmico, que discorrem sobre o ensino da Língua Portuguesa para migrantes em Roraima, com reflexões sobre língua, cultura, identidade e decolonialidade. Dessa forma, o objetivo principal da pesquisa é gerar reflexões para novas práticas decoloniais na área do ensino da língua portuguesa para migrantes em todos os níveis da educação, apresentando o panorama dos questionamentos e resultados de pesquisas já existentes em Roraima. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Denzin; Lincoln, 2006), elaborada mediante levantamento bibliográfico e fundamentada teoricamente nas concepções da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006) em diálogo com os estudos decoloniais. Ao observar os textos analisados, constatou-se uma escassez de pesquisas dedicadas diretamente ao ensino de português para migrantes na Educação Básica. Entretanto, considerando as iniciativas das instituições de ensino superior mencionadas nos trabalhos, tais como a inclusão de novas disciplinas em seus currículos e levando em conta a condição de Roraima como um estado permanentemente multicultural, espera-se que nos próximos anos haja um aumento de pesquisas voltadas para a educação básica.

Palavras-chave:

Português; Migração; Decolonialidade.

Sobre os autores:

¹ Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É mestranda na Universidade Federal de Roraima (UFRR) e professora da educação básica do estado de Roraima (SEED) – <https://orcid.org/0009-0002-8127-4865>

² Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG), Mestra em Letras (UFRR). Docente do curso de Letras da UERR e do PPGL/UFRR – <https://orcid.org/0000-0001-7617-2704>

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Roraima é um estado receptor dos chamados migrantes de crise (Moreira; Borba, 2021) oriundos, principalmente, da Venezuela, país com quem o Brasil divide fronteira seca e pacífica. Há pelo menos 10 anos é intensa a migração transnacional de pessoas em busca de melhores condições de vida devido aos problemas políticos e econômicos enfrentados do outro lado da fronteira. Nesse cenário, existe um desafio com a questão linguística envolvida em diversos setores públicos, com maior preocupação no âmbito educacional.

Por serem hispanofalantes, os migrantes venezuelanos sentem a barreira com a Língua Portuguesa e, apesar de efetivar a comunicação por meio da intercompreensão, a proficiência em língua portuguesa torna-se necessária para que estudantes consigam um bom desempenho nas instituições escolares e para que migrantes adultos desenvolvam suas funções profissionais com mais facilidade. No entanto, mais do que uma obrigação, a aprendizagem da língua portuguesa deve ser considerada como uma contribuição a partir do diálogo com diferentes visões de mundo, apoiando-se em uma perspectiva decolonial¹ dos saberes (Walsh, 2017; Mignolo, 2017).

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo gerar reflexões para novas práticas decoloniais na área do ensino da língua portuguesa para migrantes em todos os níveis da educação. A pesquisa busca elencar os desafios existentes em relação ao ensino de português para migrantes baseado em pesquisas desenvolvidas no estado de Roraima, a partir de uma revisão de literatura. Por fim, apresentam-se considerações relacionadas às possibilidades de práticas insurgentes de ensino de Língua Portuguesa, de forma a aproveitar conhecimentos vários em sala de aula, buscando uma teoria pedagógica que se revitalize de acordo com o contato com os sujeitos envolvidos na ação educativa (Arroyo, 2012).

No processo de ensino para migrantes, é crucial considerar que, embora o conhecimento da Língua Portuguesa seja importante para uma comunicação mais satisfatória, é essencial questionar a ideia arraigada de que dominar certas habilidades de leitura e escrita em português automaticamente conduzirá a uma maior valorização social, conforme Diniz e Neves (2018, p. 101), “isso pode não ser uma condição necessária, e nem suficiente.

Um breve olhar para os dados expostos pelo SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), exame que avalia o desempenho de estudantes da educação básica a partir da aplicação de testes nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática, mostra que, mesmo estudantes

1 Nesta pesquisa, optamos por utilizar o termo “decolonial” em vez de “descolonial” seguindo a perspectiva de Walsh (2013). Ela argumenta que o uso do termo com “s” implica uma percepção de reverter o processo de colonialidade, uma espécie de inversão do colonial, como se fosse possível eliminar completamente seus padrões e vestígios. Segundo a autora, não existe um estado nulo de colonialidade; há apenas posturas, posicionamentos e horizontes que indicam uma luta contínua de resistência e transgressão.

nativos possuem grande dificuldade para assimilar os conteúdos destas matérias, dificuldade que certamente será acentuada para aqueles alunos que não falam o português, idioma no qual acontecem as aulas.

A partir dessas reflexões, a questão norteadora desta pesquisa é como e quais práticas podem ser e já são utilizadas no contexto roraimense de ensino do português para migrantes. Com o propósito de apresentar um panorama dos questionamentos e resultados de pesquisas já existentes, foi feita uma revisão de literatura, a partir da análise de 8 artigos selecionados do Google Acadêmico, que discorrem sobre o ensino e uso da língua portuguesa para migrantes em Roraima, de alguma forma alinhados ao pensamento decolonial.

Para isso, a primeira seção traz uma discussão sobre colonialidade e decolonialidade do poder e da linguagem. Na segunda parte do trabalho são apresentados os textos selecionados para analisar. Na terceira seção são analisados os textos que versam sobre o ensino de língua portuguesa, já na quarta os trabalhos que questionam a colonialidade da linguagem, ainda que não debatam questões de ensino de línguas. Por último, é realizada a reflexão acerca de novas práticas de ensino de língua portuguesa voltadas ao pensamento decolonial.

2. COLONIALIDADE DO PODER E DA LINGUAGEM

O debate sobre colonialidade e decolonialidade vem ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas acadêmicas, principalmente na área de Linguística Aplicada. Partindo do conceito de colonialidade do poder, criado pelo peruano Aníbal Quijano (2000), o grupo conhecido como **Modernidade/Colonialidade**² problematiza a maneira como questões advindas da época colonial ainda influenciam diversos fatores da nossa sociedade. Relações de poder e dominação econômica são constatadas em todas as áreas do conhecimento, incluindo o campo da linguagem.

De acordo com Quijano (2000), a colonialidade segue o padrão de poder deixado pelo colonialismo, em nome da “modernidade”. A lógica eurocêntrica articula os elementos de poder e de hierarquização dos povos até os dias atuais, não apenas no que diz respeito à geopolítica, mas também a questões culturais e sociais ligadas à racialização. Quijano explica a existência de uma Matriz Colonial do Poder que controla a economia, os recursos naturais, a produção, o conhecimento, além de gênero e sexualidade.

Considerando que a Matriz Colonial do Poder controla o conhecimento, isto é, a produção e circulação do conhecimento, debatemos também a colonialidade do saber. A ideia de dominação por meio da suposta superioridade dos saberes advindos da Europa e dos Estados Unidos, aqueles que detêm o poder econômico também controlam a geração de conhecimentos. Nessa perspectiva, os saberes dos povos latino-americanos são marginalizados e inferiorizados. Da mesma maneira, questões linguísticas seguem essa lógica.

² Grupo formado, em sua maioria, por pensadores latino-americanos.

Conforme aponta Mignolo (2017, p. 6), o pensamento decolonial deve desvincular-se da Matriz Colonial do Poder por meio do que chama de desobediência epistêmica, isto é, de ações que se opõem a conceitos eurocêntricos fechados. Assim, surgem possibilidades de ações decoloniais, seguindo “uma visão da vida e da sociedade que requer sujeitos descoloniais, conhecimentos descoloniais e instituições descoloniais”. Mignolo (2008, p. 290) esclarece que:

A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta (por exemplo, veja o que acontece agora nas universidades chinesas e na institucionalização do conhecimento). Pretendo substituir a geo- e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geopolítica e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por “Ocidente” eu não quero me referir à geografia por si só, mas à geopolítica do conhecimento.

Como o autor esclarece, o pensamento decolonial valoriza e visibiliza os conhecimentos que foram marginalizados nos séculos anteriores; considerando línguas, culturas, religiões e conceitos outros, não exatamente por uma questão geográfica de separação entre Europa e América Latina, mas pela lógica política e econômica que imperava nas relações coloniais e que se perpetuou ao longo dos anos em nossas sociedades, o que Mignolo chama de “razão imperial/colonial”. Tal razão também está presente na língua(gem), nas políticas linguísticas e no processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Nesse sentido, Baptista (2021, p. 55) defende que devemos “reconhecer as práticas de linguagem como parte da complexa tessitura da modernidade/colonialidade em outros espaços-territórios-discursividades-historicidades”. Para a autora (2021, p. 65), a escuta e a visibilidade de diversas práticas de linguagem são necessárias “para a desestabilização de um padrão hegemônico de linguagem”.

Seguindo tal viés, devemos questionar não apenas a hegemonia das línguas dos colonizadores, mas a suposta “pureza” linguística de certas variedades. As línguas indígenas, as línguas de migração, as línguas de fronteiras e as línguas de sinais devem ser valorizadas. Os sujeitos falantes dessas línguas devem ter seus direitos linguísticos garantidos e o uso das línguas oficiais não deve ser uma obrigação ao ponto de excluir aqueles que não as dominam. Na mesma perspectiva, as abordagens metodológicas para o ensino da língua portuguesa, no caso do Brasil, devem seguir o pensamento decolonial, por meio de uma pedagogia outra, capaz de abranger as particularidades dos falantes de grupos minorizados.

Embora o Brasil, enquanto país latino-americano, sofra com as graves consequência da colonialidade, também tem uma sociedade que se desenvolveu com a razão imperial/colonial e acaba por reproduzir os

mesmos padrões de poder. Isso pode ser visto em diversos âmbitos, mas aqui será debatido na perspectiva da educação, mais especificamente do ensino de língua portuguesa, oficial e majoritária do Brasil, ao público oriundo da migração de crise em Roraima, como explicamos na próxima seção.

3. DECOLONIALIDADE, PORTUGUÊS, RORAIMA: SELEÇÃO DOS ARTIGOS

Para alcançar os objetivos deste trabalho foi realizado um levantamento dos artigos que discorreram sobre o ensino de português para migrantes no estado de Roraima, a partir de uma perspectiva decolonial. Para tal, foram utilizadas as seguintes bases: SciElo, Eric, Redalyc e Google Acadêmico. O quadro 1 apresenta os resultados obtidos diante dos marcadores empregados:

Quadro 1 – Relação do quantitativo de artigos encontrados

Repositórios de pesquisa	“decolonialidade, português, Roraima”
SciElo	0
Eric	0
Redalyc	12323
Google Acadêmico	856

Fonte: elaborado pelas autoras

Os marcadores destacados foram aplicados em busca avançada, detectando os termos em qualquer parte do texto. O filtro foi aplicado a partir do ano de 2015, quando o fluxo migratório foi intensificado, além do filtro de artigos em língua portuguesa. Levando em consideração a grande quantidade de artigos encontrados no Redalyc e da ausência de trabalhos no SciElo e Eric, optou-se pelo Google Acadêmico.

Foram desconsiderados do escopo de pesquisa artigos repetidos, citações, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, anais em congressos e capítulos de livros. Em seguida, foi feita a leitura dos títulos e resumos dos trabalhos restantes, pois alguns mencionavam termos isolados dos marcadores escolhidos, mas não atendiam aos objetivos da pesquisa. Destarte, restaram 8 pesquisas, e pela baixa quantidade de trabalhos, não se optou pelo critério de exclusão baseado na categorização do Qualis/Capes. Portanto, os 8 artigos remanescentes são apresentados no quadro a seguir:

Quadro 2 – Artigos analisados

CÓD	ARTIGO	ANO	REVISTA	QUALIS³
T1	Do Global ao Local no Ensino de PLAc em Roraima: por uma formação de histórias locais na Universidade Federal de Roraima	2021	Linguagem & Ensino	A1
T2	Formação de professores de línguas em Roraima: Da Educação Linguística Ampliada às Novas Epistemologias	2021	Linguagem em Foco	A4
T3	Reflexões sobre o ensino de português como língua de acolhimento sob a ótica da interculturalidade na educação básica em Roraima	2020	<i>Philologus</i>	B3
T4	Português como língua de acolhimento em Roraima: Da falta de formação específica à necessidade social	2019	X	A3
T5	Acolhimento no ar: comunicação popular de/para migrantes venezuelanos em Roraima	2022	Horizontes de Linguística Aplicada	B1
T6	Resistir na (re)existência: Decolonizando saberes na relação universidade-escola-comunidade	2020	Muiraquitã	A4
T7	A língua(gem) e o seu poder: uma análise sob a perspectiva das questões identitárias imigratórias	2020	Revista de Letras	B3
T8	Fronteiras da educação: alunos indígenas e imigrantes em tempos de aulas remotas, um olhar reflexivo ao	2021	Pedagógica	A4

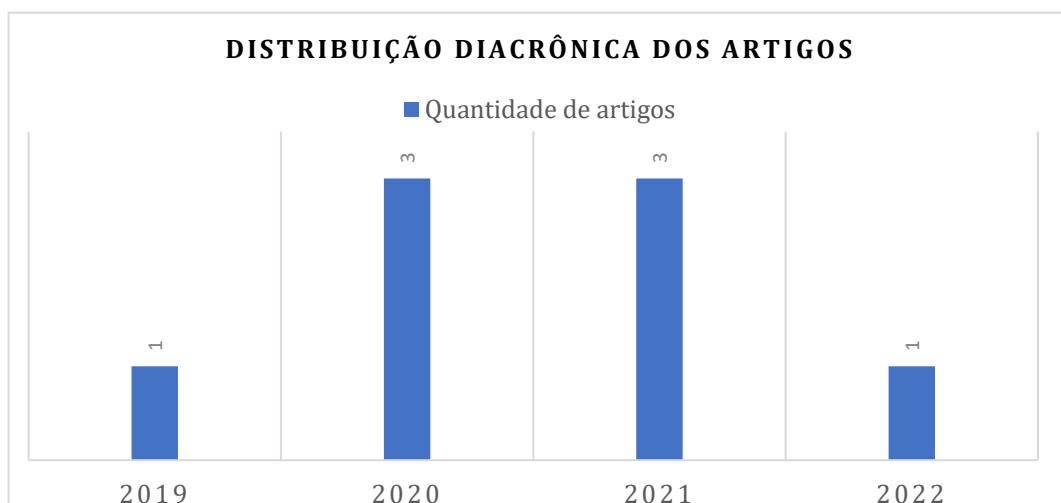
³ Qualis referente ao quadriênio 2017-2020.

projeto "@prendendoemcasabv"			
------------------------------	--	--	--

Fonte: elaborado pelas autoras

Conforme mostrado no quadro, o maior número de artigos pertence a revistas de Qualis A, sendo 5 pesquisas; as outras três foram publicadas em revistas especializadas com Qualis B. Quanto à produção anual dos artigos, percebe-se que os anos de maior publicação foram 2020 e 2021, com três artigos cada, conforme apresentado no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Distribuição diacrônica



Fonte: elaborado pelas autoras

O gráfico mostra que nos anos de 2020 e 2021 houve mais publicações sobre ensino de língua portuguesa para migrantes, com debates referentes à decolonialidade. Cabe destacar que muitas outras publicações sobre ensino de português foram encontradas no período temporal estipulado, no entanto, não se encaixam na temática analisada.

Com relação ao vínculo institucional dos autores, todos são oriundos da rede pública de Educação Superior. O maior quantitativo de produções é proveniente da Universidade Estadual de Roraima (UERR), seguido da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

4. ENSINO DE PORTUGUÊS: O FAZER DECOLONIAL EM ANÁLISE

O artigo intitulado **Do Global ao Local no Ensino de PLAc em Roraima: por uma formação de histórias locais na Universidade Federal de Roraima** (T1), objetiva apresentar o panorama do ensino de Português como Língua Estrangeira/Adicional (PLE/PLA)

desenvolvido no Estado de Roraima, assim como discorrer sobre a implementação de ações educacionais para o ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) no âmbito da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

O debate apresentado por Silva e Zambrano em T1 constata que há obstáculos no que diz respeito à formação específica de professores de PLAc, entretanto, a análise mostra que existem algumas medidas tomadas para amenizar a problemática. O texto descreve iniciativas como o Projeto Acolher que resultou de um acordo entre o Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e a Cátedra Sérgio Vieira de Mello e, ainda, o Português para refugiados, promovido pelo programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), de responsabilidade do curso de letras da Universidade UFRR.

T1 e T2 têm foco teórico-analítico na formação de professores de línguas no estado, entretanto, em **T2 - Formação de professores de línguas em Roraima: Da Educação Linguística Ampliada às Novas Epistemologias**, Zambrano, Silva e Lima analisam especificamente a necessidade de uma reformulação curricular das licenciaturas em Letras oferecidas em Roraima, para que possam desenvolver uma educação linguística ampliada, capaz de atender questões que perpassam a característica de multidiversidade do estado e viabilizar os saberes de grupos considerados não-hegemônicos.

Ambos os textos (T1 e T2) são estruturados com seções que versam sobre o contexto diversificado do estado de Roraima e as dificuldades inerentes à formação de professores. No entanto, os autores de T1 corroboram a afirmação de Miranda e Lopez (2019) de que o processo de ensino de PLAc só será realidade a partir do investimento em políticas públicas para a formação dos profissionais, mediante a institucionalização das áreas de PLA e PLAc nas instituições de ensino superior, de forma permanente.

Em **Reflexões sobre o ensino de português como língua de acolhimento sob a ótica da interculturalidade na educação básica em Roraima (T3)**, Santos e Zambrano também discutem o ensino da língua na perspectiva de acolhimento, entretanto, com ênfase na interculturalidade. Assim, a partir da discussão dos conceitos de interculturalidade, T3 reflete sobre a necessidade de oferecer formação continuada nas áreas de português como língua adicional e língua de acolhimento, aos profissionais da educação básica. Ao longo de sua análise, o artigo apresenta conceitos e origens do termo Plac, além de explicar as distinções entre as terminologias Língua de Acolhimento (LAc), Língua Estrangeira (LE) e Segunda Língua (L2).

As autoras tecem uma discussão sobre a relação entre cultura e língua, trazendo diversos conceitos cunhados ao longo dos anos por

diferentes pensadores. Um episódio interessante apresentado no estudo é o fato de, entre as perguntas aplicadas no questionário para professores de Língua Portuguesa da educação básica, haver inconsistência quanto às respostas de um participante. Em determinada questão afirmava ter conhecimentos a respeito da interculturalidade, e, em contrapartida, em outra, dizia ter dificuldades em trabalhar a relação entre cultura, língua e história com seus alunos, justamente os termos que compõem o conceito de interculturalidade.

Em T3 e T4 são ressaltadas, respectivamente, duas possibilidades que resultam na dificuldade dos professores em não saber como trabalhar com alunos migrantes, a primeira deve-se ao fato de a formação dos profissionais ter uma tradição fortemente de cunho monolíngue, e a segunda refere-se à ausência de cursos de formação específicos e experiência nas áreas de PLE/PLA/PLAc, conforme corroborado por Júdice (2016). O último questionamento feito aos professores participantes da pesquisa de T3 foi a opinião deles a respeito de quais ações poderiam ser realizadas para um melhor ensino de língua portuguesa, e 71,4% responderam que era necessária a formação continuada para os profissionais da educação. Essa resposta corrobora as análises apresentadas em T1, T2, T3 e T4.

No trabalho **Português como língua de acolhimento em Roraima: Da falta de formação específica à necessidade social (T4)**, pesquisa mais antiga dentre as analisadas, publicada em 2019, Zambrano já denunciava e acompanhava a questão do ensino de português para migrantes e a necessidade de formação específica na área de PLA e PLAc. No texto em questão, são feitas as primeiras descrições das características do ensino de PLAc em Roraima; a autora apresenta também uma contextualização sobre a formação em português para estrangeiros no Brasil, informações que foram ampliadas em outros artigos publicados posteriormente, como é o caso de T6.

Ao longo da análise realizada em T4, observa-se que a iniciativa do ensino de PLAc frequentemente parte de professores universitários, instituições sem fins lucrativos, igrejas e pessoas engajadas na prestação de serviços sociais. Em 2019, a autora já levantava preocupações sobre a escassez de professores com formação ou experiência em PLA, atribuindo essa lacuna ao fato de que a formação específica ainda era recente no Brasil. Apesar disso, Zambrano (2019) não deixa de destacar a iniciativa das duas instituições públicas de ensino superior de Roraima, a UFRR e a Universidade Estadual de Roraima (UERR), que por meio de seus projetos de extensão e alguns cursos de formação desempenharam um papel significativo. T4 traz uma descrição detalhada de como os cursos de PLAc funcionavam em Roraima. A autora também salienta que, apesar do apoio recebido pela

UFRR em 2018 do programa federal Idiomas sem Fronteiras e de empresas privadas como a ERICSSON, o maior número de migrantes beneficiados com o ensino de português, desde 2017, foi resultado do trabalho e empenho de professores e acadêmicos voluntários.

Em **Resistir na (re)existência: Decolonizando saberes na relação universidade-escola-comunidade (T6)**, Zambrano, Reinoldes e Cruz, oriundas de diferentes instituições públicas de nível superior e de diferentes unidades federativas, iniciam o texto fazendo uma denúncia em relação ao momento sócio-político vigente. Elas apontam a importância da relação dialógica entre a universidade, a escola e a sociedade, diálogo que é apresentado como possibilidade concreta de enfrentamento ao projeto político de desmonte das universidades públicas, bem como um processo que viabiliza à sociedade a compreensão da universidade pública como um espaço que é seu de direito.

Com o intuito de problematizar a relação universidade-escola-comunidade em perspectiva decolonial, as autoras trazem discussões e reflexões, além de relatos extensionistas, iniciativas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Estadual de Roraima (UERR) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que, dialogam diretamente com esses setores e agentes da sociedade.

Há também em T6 uma reflexão acerca da instituição escolar contemporânea e suas semelhanças com o sistema escolar do século XIX, apoiadas em Street (2014), que apresenta a escola como uma instituição defensora da superioridade, do controle e da dominação, através desse mecanismo organizacional dos espaços e horários, que o autor chama de letramento autônomo. Nesse sentido, as autoras problematizam quais tipos de memórias afetivas os estudantes cultivarão com esse ambiente escolar e quais impactos isso terá na vida dos educandos.

Por fim, o artigo apresenta reflexões pertinentes sobre as perspectivas do que a instituição escolar deveria representar, baseando-se em Rancière (2003), que argumenta que a escola, à luz da antiguidade grega, não era apenas um espaço com uma função externa, mas sim um local alternativo de ócio para aprendizagem, um tempo livre do trabalho destinado ao aprendizado. No entanto, essa concepção escolar perdeu sua essência ao se tornar um produto da mercantilização do tempo e do ócio, conforme aponta Larrosa (2018). Nesse sentido, a escola também segue uma estrutura de poder imposta pela colonialidade.

No último título analisado, **Fronteiras da educação: alunos indígenas e imigrantes em tempos de aulas remotas, um olhar reflexivo ao projeto “@aprendendoemcasabv” (T8)**, Araújo, Ferst e

Santos apresentam conceitos teóricos referentes aos novos termos e processos de ensino que foram frequentemente utilizados no período de pandemia, causada pelo novo Coronavírus (sars-cov-2), tais como ensino remoto, ensino não-presencial. No trabalho, também é abordado um panorama da situação linguística dos migrantes nas escolas de âmbito municipal e estadual em Roraima. As pesquisadoras fazem apontamentos sobre a relevância do projeto Aprendendo em Casa BV, da Secretaria Municipal de Boa Vista – SMEC, realizado em 2020, como forma de reverter os impactos educacionais, mas questionam veementemente a exclusão de alguns educandos indígenas e migrantes, devido à falta de compreensão da língua portuguesa e problemas de acessibilidade no quesito tecnológico.

5. DECOLONIALIDADE DA LINGUAGEM: PARA ALÉM DO ENSINO DE LÍNGUAS

Ao contrário das outras pesquisas, **Acolhimento no ar: comunicação popular de/para migrantes venezuelanos em Roraima (T5)** não versa sobre ensino de língua portuguesa, mas sobre o uso das línguas portuguesa e espanhola no contexto migratório roraimense. O texto de Zambrano apresenta uma descrição da presença da língua espanhola, da translanguagem e da transculturalidade em espaços de comunicação popular comandados por migrantes venezuelanos em Boa Vista-RR, constatando a relevância desses meios de comunicação alternativos como instrumentos que reforçam o pertencimento e o acolhimento entre os migrantes.

O principal âmbito alternativo analisado em T5 é o radiofônico, descrevendo a presença de migrantes venezuelanos nesses espaços. Em tal perspectiva, T5 analisa, de forma muito interessante, as escolhas de diversos repertórios linguísticos para compor o nome dos programas, relacionando essas alternativas lexicais às práticas translíngues⁴. Além disso, a autora investiga, por meio de entrevistas e de análise documental, o funcionamento de três programas de rádio que fomentam espaços translíngues e transculturais, conceitos que são explorados ao longo da pesquisa. Ela apresenta premissas da comunicação popular ou comunitária para dar sentido ao movimento dos sujeitos migrantes, analisando como eles passam da condição de público consumidor para se tornarem comunicadores produtores em suas respectivas comunidades. A nosso ver, o trabalho visibiliza posturas decoloniais de saberes e poderes (Mignolo, 2017), rompendo

⁴ Uso de diversos repertórios linguísticos de forma natural, sem hierarquizações nem preconceitos.

com a Matriz Colonial do Poder (Quijano, 2000) que impera na sociedade roraimense.

O estudo **A língua(gem) e o seu poder: uma análise sob a perspectiva das questões identitárias imigratórias (T7)**, de Santos e Alomba Ribeiro, é voltado aos três pilares que constituem o sujeito: língua, cultura e identidade, a fim de contribuir para aumentar a compreensão sobre os aspectos relevantes que caracterizam o indivíduo como sujeito na sociedade. A partir dos vários conceitos de língua e linguagem, as autoras reafirmam que não se pode ter um posicionamento neutro diante da linguagem, ou seja, nossas práticas linguísticas, mesmo as mais cotidianas, moldam quem somos. Citando Palhares (2012), T7 destaca que a linguagem pode tanto colonizar quanto decolonizar, reproduzir e transformar, oprimir e libertar.

As autoras oferecem uma análise minuciosa do processo de colonização linguística, que inclui a imposição da língua portuguesa no Brasil, evidenciando a importância dessa língua como instrumento de dominação e aculturação dos povos indígenas. Além disso, destacam o papel da linguagem em momentos sócio-políticos extremos, como durante a Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

As pesquisadoras, apoiadas em Zandwais (2007), promovem discussões sobre o impacto do decreto 406 na visão do nativo em relação ao estrangeiro. Nesse contexto de abasileiramento, o sujeito migrante foi excluído, criando-se uma perspectiva que apaga suas memórias históricas e suas raízes. Embora o debate não se concentre nas teorias decoloniais, é evidente a crítica à “razão imperial/colonial” (Mignolo, 2017) que está sendo questionada.

O artigo conclui ao discutir questões identitárias sobre o que significa ser imigrante, utilizando conceitos e perspectivas de vários autores. Essa abordagem contempla tanto as percepções teóricas quanto as práticas em torno do uso dos termos **imigrante** e **estrangeiro**. Tais discussões nos incentivam a desaprender (Mignolo, 2008) certas práticas linguísticas que remetem à colonialidade do conhecimento e da linguagem, além de nos fazer questionar as supostas purezas linguísticas e as supostas superioridades atribuídas a determinados sujeitos.

6. PRÁTICAS INSURGENTES POSSÍVEIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA MIGRANTES

Durante o levantamento e análise dos textos, algumas sugestões foram destacadas, oferecendo reflexões sobre o ensino de línguas em contexto migratório, com uma abordagem de práticas linguísticas

decolonizadoras.

Todos os textos analisados (Tabela 2), com exceção de T3 e T8, citam diretamente perspectivas teóricas ligadas ao pensamento decolonial. Ainda que apenas T1, T2 e T6 apresentem arcabouço teórico com ampla discussão referente ao grupo modernidade-colonialidade, os autores dos demais artigos analisados se basearam em estudos que adotam essa perspectiva teórica, como Fleuri (2014) e Zambrano (2020). Nesse sentido, algumas discussões questionam a colonialidade do saber sem citar os autores considerados decoloniais, como no texto T8: “[...] se há de fato a inclusão, como forma de direito de acesso e permanência desses discentes, bem como, se as escolas se inclinam a valorizar alguns conhecimentos em detrimento de outros?” (Araújo; Ferst; Santos, 2021, p. 16, grifo nosso).

O trabalho T1 propõe uma formação que perpassasse por reflexões do PLAc global até a análise do contexto local, levando em consideração o perfil dos alunos e a realidade linguística da sociedade roraimense. Além disso, sugere, com base em Ruano e Cursino (2019), a importância de ensinar PLAc a partir do contexto dos alunos, utilizando como base suas histórias e culturas, assim como de seus países de origem. Zambrano (2021) destaca a necessidade de aproveitar o letramento social de cada aluno, respeitando os letramentos locais e a diversidade dos deslocados forçados.

Por sua vez, os autores de T2 enfatizam a importância de ouvir as narrativas da sala de aula da educação básica como um dispositivo capaz de desenvolver uma pedagogia decolonial na formação profissional dos professores de línguas. Além disso, argumentam que é fundamental evitar o silenciamento de outras vozes durante o processo de ensino/aprendizagem de línguas.

Em T3, são oferecidos alguns insights sobre como articular a prática pedagógica em sala de aula. Entre as possibilidades destacadas estão o trabalho com a cultura, de modo geral, história e literatura, de forma sensível às diferenças individuais do aluno, promovendo o diálogo e a inclusão deles no processo de ensino.

Por fim, em T4, ao discutir um projeto de Extensão ministrado na UERR, a autora descreve o funcionamento das aulas, que eram dinâmicas e incluíam situações reais de comunicação, com a valorização de todas as culturas presentes no contexto local. Embasada em Silva (2003), ela salienta que quando o estudante é reconhecido e valorizado em relação às suas tradições culturais durante o processo de ensino, sua inserção escolar e social se torna mais fluida. Portanto, torna-se crucial valorizar as contribuições das diversas culturas presentes no âmbito educacional

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de língua portuguesa demanda novas perspectivas metodológicas, não apenas quando se trata de aulas destinadas a migrantes. Os métodos tradicionais de ensino já estão obsoletos há algum tempo, como Candau (2002, p.53) observa: “a cultura escolar predominante nas nossas escolas se revela como ‘engessada’, pouco permeável ao contexto em que se insere, aos universos culturais das crianças e jovens a que se dirige e a multiculturalidade das nossas sociedades”.

Nessa perspectiva, os trabalhos aqui analisados oferecem uma contribuição relevante para o cenário pedagógico, ao promoverem a reflexão sobre o ensino de línguas e sobre a responsabilidade social que o professor assume no processo de valorização do conhecimento de cada educando. Isto é, são pesquisas que incentivam o pensamento decolonial e as práticas decoloniais no fazer pedagógico.

A partir das observações dos textos em questão, foi possível constatar pouca expressividade de pesquisas voltadas diretamente ao ensino de português para migrantes na Educação Básica. No entanto, considerando as iniciativas das instituições de ensino superior, seja por meio da inclusão de disciplinas voltadas às demandas contemporâneas no ensino de línguas, seja com o desenvolvimento de projetos de extensão que consideram posturas decoloniais, espera-se que nos próximos anos haja mais pesquisas voltadas para a educação básica. De fato, há alguns estudos de mestrado e doutorado em andamento que abordam questões de ensino e de acolhimento linguístico de migrantes em escolas municipais e estaduais, levando em conta a condição de Roraima como um estado permanentemente multicultural.

Finalmente, reconhecendo a importância dos estudos científicos nessa área, este trabalho analisou 8 títulos, com o objetivo de fornecer, aos novos pesquisadores da área, um panorama das pesquisas produzidas no estado de Roraima. Bem como, apresentou possíveis práticas insurgentes reflexivas e pedagógicas apoiadas no pensamento decolonial. Como refletem Batista e Alarcón (2012): “ensinar línguas é ensinar o social, o humano, o político, o histórico, o geográfico e o econômico de um povo, compreendendo sua cultura, sua identidade, sua diversidade, classe e religião” (Batista; Alarcón apud Santos; Alomba Ribeiro, 2020, p.11).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. G.; FERST, E. M.; SANTOS, A. S. Fronteiras da educação: alunos indígenas e imigrantes em tempos de aulas remotas, um olhar reflexivo ao projeto “@prendendoemcasabv”. *Revista Pedagógica*, [S. l.], v. 23, p. 1–23, 2021. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/6289>. Acesso em: 7 abr. 2024.

ARROYO, M. G. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BAPTISTA, L. Colonialidade da linguagem. In: MATOS, D. C. V. da S.; SOUSA, C. M. C. L. L. (orgs.). *Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2022.

BATISTA, M. C.; ALARCÓN, Y. G. L. Especificidades do Ensino de PLE. *Revista SIPLE – Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira*, 2316-6894, 4. ed. Brasília, Ano 3, Número 1, maio de 2012.

CANDAU, V. M. F. *Educação intercultural e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 53.

DE CASTILHO, A.T. Desafios para a promoção e a internacionalização da língua portuguesa. ANPOLL / II LP Colóquio sobre a internacionalização da língua portuguesa: concepções de ações, 2013.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DINIZ, L. R. A.; NEVES, A. O. Políticas linguísticas de (in)visibilização de estudantes imigrantes e refugiados no ensino básico brasileiro. *Revista X*, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 87-110, out. 2018. ISSN 1980-0614. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/61225/36629>>. Acesso em: 20 abr. 2024.

JÚDICE, N. O ensino de Português para Estrangeiros na perspectiva de quem forma professores no Brasil. In: TURAZZA, J. S. et al. (orgs) *Estudos em português língua estrangeira: homenagem à profa. Dra. Regina Célia Pagliuchi da Silveira*. 1. ed. - eBook - Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

LARROSA, J. Da Dificuldade da Escola. In. LARROSA, J. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor*. Tradução de Cristina Antunes. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2018. p. 229-260.

LARROSA, J. Fim de partida. Ler, escrever, conversar (e talvez pensar) em uma faculdade de educação. In. LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley

Geraldi. 1 ed. 3 reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2018. p. 123-174.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf . Acesso em: 04 abr. 2024.

_____. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Introdução de The darker side of western modernity: global futures, decolonial options. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online]. 2017, v. 32, n. 94. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 21 jan. 2024.

MIRANDA, Y. C. LOPEZ, A. P. Considerações sobre a formação de professores no contexto de ensino de português como língua de acolhimento. In: FERREIRA, L. C. et al. (orgs). *Língua de Acolhimento: experiências no Brasil e no mundo*. Mosaico Produção Editorial: Belo Horizonte, 2019. p. 17-40.

MOITA LOPES. L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOREIRA, B. J.; BORBA, J. H. O. M. Invertendo o enfoque das “crises migratórias” para as “migrações de crise”: uma revisão conceitual no campo das migrações. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 38, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/s4CBKtsS5dSrtBnsbB8dHRQ/?format=html&lang=pt> . Acesso em: 11 mar. 2024.

PALHARES, A. C. M. H. Língua, cultura, educação e colonialidade: reflexões sobre o ensino-aprendizagem de línguas em uma perspectiva pós-colonial. *Revista Interfaces de Saberes*, v.12, n.1, 2012. Disponível em: <http://www.interfacesdesaberes.faficape.edu.br/index.php/import1/article/view/158/77>. Acesso em: 15 jan. 2020.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (comp.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000a, p. 201-246.

RANCIÈRE, J. *Aux bords du politique*. Paris: Folio, 2003. (Edição portuguesa: RANCIÈRE, J. Nas margens do político. Lisboa: KKYM, 2014.).

RUANO, B.P.; CURSINO, C. Multiletramentos e o second space no ensino aprendizagem de PLAc: *da teoria à prática*. In: FERREIRA, L. C. et al. (orgs). *Língua de Acolhimento: experiências no Brasil e no mundo*. Mosaico Produção Editorial: Belo Horizonte, 2019. p. 41-62.

SANTOS, R. K. C. D. ; ALOMBA RIBEIRO, M. A. A língua(gem) e o seu poder: uma análise sob a perspectiva das questões identitárias imigratórias. *Revista de Letras*, v. 22, p. 1-17, 2020.

SANTOS, T. C. F.; ZAMBRANO, C. E. G. Reflexões sobre o ensino de português como língua de acolhimento sob a ótica da interculturalidade na educação básica em Roraima. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 78, 2020. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/187> . Acesso em: 7 abr. 2024.

SILVA, F.G. Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação. In: FLEURI, R. M. (org.) *Educação intercultural: mediações necessárias*. DP&A, RJ, 2003.

SILVA, M. V.; ZAMBRANO, C. E. G. Do Global ao Local no Ensino de PLAc em Roraima: por uma formação de histórias locais na Universidade Federal de Roraima. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 24, n. 2, p. 207-225, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/19276>. Acesso em: 7 abr. 2024.

STREET, B. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

WALSH, C. *Pedagogías Decoloniales. Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir*. Tomo I. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador, 2013.

WALSH, C. *Pedagogías Decoloniales. Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo II. Serie Pensamiento Decolonial. Equador: Editora Abya-Yala, 2017.

ZAMBRANO, C. E. G. Español como lengua de migración en Roraima y las nuevas políticas lingüísticas horizontales y verticales. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS. ANAIS XI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS*, Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72670> . Acesso em: 07 abr. 2024.

ZAMBRANO, C. E. G.; SILVA, M. V. da; LIMA, F. S. Formação de professores de línguas em Roraima: Da Educação Linguística Ampliada às Novas Epistemologias. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 13, n.

1, p. 338–358, 2021. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5161>. Acesso em: 7 abr. 2024.

ZAMBRANO, C. E. G. Português como língua de acolhimento em roraima: da falta de formação específica à necessidade social. *Revista X*, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 16-32, jul. 2019. Disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/60942>. Acesso em: 07 abr. 2024.

ZAMBRANO, C. E. G.; REINOLDES, M.; CRUZ, K. A. L. Resistir na (re)existência: decolonizando saberes na relação universidade-escola-comunidade. *Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades*, [S. l.], v. 8, n. 1, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/3787>. Acesso em: 7 abr. 2024.

ZAMBRANO, C. E. G. Acolhimento no ar: comunicação popular de/para migrantes venezuelanos em Roraima. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, [S. l.], v. 21, n. 2, p. AG10, 2022. DOI: 10.26512/rhla.v21i2.42665. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/42665>. Acesso em: 7 abr. 2024.



Decolonial practices in the teaching of portuguese imigrants: A literature review

Juliana Lopes do Nascimento¹
Cora Elena Zambrano²

Abstract

Considering the context of crisis migration from Venezuela to the state of Roraima and the challenges faced by teachers and students in Portuguese language courses as an additional language, as well as in schools, this paper presents a descriptive overview based on the analysis of 8 articles selected from Google Scholar, which discuss the teaching and use of the Portuguese language for migrants in Roraima, with reflections on language, culture, identity, and decoloniality. Thus, the main objective of the research is to generate reflections for new decolonial practices in the area of Portuguese language teaching for migrants at all levels of education, presenting an overview of existing research questions and results in Roraima. This is qualitative research (Denzin; Lincoln, 2006), conducted through a bibliographic survey and theoretically grounded in the conceptions of Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006) in dialogue with decolonial studies. Upon observing the analyzed texts, it was found a scarcity of research directly dedicated to the teaching of Portuguese for migrants in Basic Education. However, considering the initiatives of the higher education institutions mentioned in the works, such as the inclusion of new disciplines in their curricula and taking into account Roraima's condition as a permanently multicultural state, it is expected that in the coming years there will be an increase in research focused on basic education.

Keywords:

Portuguese; Immigration; Decoloniality.
